

## OS BONS E OS MAUS CRISTÃOS: CRISTIANISMO E PAGANISMO NAS HOMILIAS DE CESÁRIO DE ARLES (502 – 542)

THE GOOD AND THE BAD CHRISTIANS: CHRISTIANISM  
AND PAGANISM IN CAESARIUS OF ARLES' HOMILIES (502  
– 542)

JOÃO VICTOR MACHADO DA SILVA\*

**Resumo:** A historiografia frequentemente enfatizou a atuação de Cesário de Arles como pregador popular, com vários estudos voltados para a investigação das práticas ditas “pagãs” condenadas pelo bispo. Afastando-nos destas pretensões, propomos uma análise centrada no trato conferido ao elemento “pagão” na pregação exegetica do bispo, tendo por base os 11 sermões que versam sobre o tema do paganismo dentre o conjunto das homilias de Cesário. Para tanto, apoiamos-nos nos conceitos de Estabelecidos e *Outsiders*, do sociólogo Norbert Elias, para formular uma interpretação quanto ao papel específico do “pagão” em tais sermões, assim como sua relação com o ideal de comunidade cristã promovido pelo bispo.

**Palavras-chave:** Cesário de Arles; Pregação; Pagão.

**Abstract:** Historiography has often emphasized Caesarius of Arles' performance as a popular preacher, with several research studies about the so-called “pagan” practices condemned by the bishop. Moving away from such ambitions, we propose an analysis centered in the approach to the “pagan” element in the bishop's exegetical preaching, basing ourselves in the 11 sermons that address the theme of paganism among Caesarius' set of homilies. To that end, we rely on Norbert Elias' concepts of Established and Outsiders to formulate an interpretation about the specific role of the “pagan” in these exegetical sermons, as well as it's relation to the ideal of Christian community promoted by the bishop.

**Keywords:** Caesarius of Arles, Preaching, Pagan.

---

*Artigo recebido em 23 de agosto de 2017 e aprovado para publicação em 12 de outubro de 2017.*

\* Graduando em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, bolsista Pibic integrante do Programa de Estudos Medievais (PEM-UFRJ). ([jv.machado@outlook.com](mailto:jv.machado@outlook.com)).

## Introdução

Este trabalho, desenvolvido no âmbito do projeto de pesquisa intitulado *Pregação popular e as Escrituras no Ocidente Medieval*: os sermões de Cesário de Arles (502-543), sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Duarte Silva<sup>1</sup>, busca traçar apontamentos iniciais a respeito da abordagem sobre a figura do “pagão” nas homilias de Cesário de Arles (502-542), pretendendo elucidar seu papel no plano mais amplo da atuação episcopal de Cesário junto à Igreja<sup>2</sup> do sul da Gália. Entendendo que a pregação ocupa um lugar central na atividade pastoral do bispo arlesiano, partimos da noção de que a caracterização de desviantes e divergências religiosas é um dos pilares do projeto de poder que pretendia promover junto às comunidades gálicas durante a primeira metade do século VI.

Desse modo, neste artigo, nos orientamos a partir do questionamento “como a alcunha de ‘pagão’ se relaciona ao ideal de comunidade cristã promovido por Cesário de Arles?”. Defendemos a hipótese de que a abordagem observada nas homilias que aludem ao tema do paganismo remete à manutenção de um *carisma grupal*, visando relegar os “pagãos” à condição de *outsiders* e reforçar, assim, os limites internos de um grupo cristão *estabelecido*<sup>3</sup> (ou que busca se estabelecer), centrado na figura do bispo.

É sob o prisma desta relação que propomos enxergar a divisão que Cesário faz da *ecclesia* ao indicar a existência de “bons” e “maus” cristãos. Objetivamos neste trabalho: discorrer brevemente sobre o contexto do episcopado de Cesário; traçar apontamentos sobre a natureza do documento trabalhado; por fim, analisar o modo como as categorias de “pagão” e

---

<sup>1</sup> Doutor em História Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC-UFRJ), Professor Adjunto de História Medieval na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e membro da coordenação do Programa de Estudos Medievais (PEM-UFRJ).

<sup>2</sup> Concordamos com Lisa Bailey quando alerta para o caráter diverso do que usualmente se chama de “Igreja”, no singular. Assim, o uso do termo, aqui, se refere a uma rede institucionalizada de sedes episcopais aderentes ao cristianismo niceno, predominante no cenário gálico. BAILEY, Lisa. *Christianity's Quiet Success: The Eusebius Gallicanus Sermon Collection and the Power of the Church in Late Antique Gaul*. Notre Dame: University of Notre Dame, 2010, p. 11.

<sup>3</sup> Norbert Elias propõe uma interpretação das relações de poder em termos de uma relação entre *estabelecidos* e *outsiders*, cujos elementos basilares são: 1) a atribuição de características humanas superiores pelo grupo estabelecido aos seus membros; 2) a exclusão dos elementos externos ao grupo estabelecido do convívio social não-profissional; 3) a criação de tabus em torno do contato de membros do grupo dominante com os *outsiders*, que se mantém por mecanismos de controle social. A dominância dos *estabelecidos* se faz por intermédio de um monopólio de posições com alto potencial de poder somado à manutenção de um *carisma grupal* específico – qualidade que permite aos membros do grupo se reconhecerem e se representarem como humanamente superiores –, cujo acesso é condicionado pela submissão às normas e tabus estabelecidos pelo grupo. Em contraste, os *outsiders* são caracterizados como anômicos, e o contato com eles é cerceado, pois gera o risco de uma “infecção anômica” – suposta ameaça à coesão do grupo dominante, que sujeita o membro “transgressor” à perda do acesso ao dito *carisma grupal*. ELIAS, Norbert. Introdução: Ensaio teórico sobre as relações estabelecidos-outsiders. In: ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, pp. 19-50.

“mau cristão” são postas pelo bispo no conjunto de sermões exegéticos alusivos ao tema (sermões 83, 86, 101, 104, 114, 123, 124, 157, 159, 175, 180, 181).<sup>4</sup>

### O contexto de atuação de Cesário

Como principal documento para o estudo da trajetória de Cesário de Arles temos sua hagiografia<sup>5</sup>, que, a despeito de apresentar o caráter apologético e os *topoi* característicos do gênero hagiográfico, é considerada uma narrativa relativamente verossímil, em virtude de particularidades em sua composição.<sup>6</sup>

A trajetória de Cesário segue o modelo típico do monge-bispo, se dividindo em um primeiro momento de formação aristocrática (470-487), seguido de um suposto abandono dos laços familiares e mundanos em prol da vida religiosa (487-495~9) e um subsequente retorno ao “mundo secular” pelo ingresso no clero secular, que culmina na elevação ao episcopado.<sup>7</sup> A etapa monástica da carreira de Cesário se passa no mosteiro de Lérins, onde se estabeleceram as bases do ideal de autoridade ascética que buscava promover durante seu episcopado.<sup>8</sup>

O último estágio foi seu estabelecimento em Arles, onde pôde se valer de seus laços familiares com o então bispo da cidade, Eônio<sup>9</sup>, que lhe permitiu uma rápida ascensão na

<sup>4</sup> Para o levantamento desses dados, usamos a metodologia da análise do discurso, seguindo o método de ênfase nas palavras, tal como proposto por Andréia C. L. F. da Silva – técnica que consiste na enumeração das aparições de um vocábulo em um conjunto documental, seguida da análise do sentido conferido ao mesmo. SILVA, Andréia C. L. F. Uma proposta de leitura histórica de fontes textuais em pesquisas qualitativas. *Signum*, São Paulo, v.16, n.1, p. 131-153, 2015.

<sup>5</sup> Concordamos com Juliana Raffaelli, que define hagiografia como “[...] um gênero literário típico da literatura cristã, que privilegia os atores sagrados e visa à edificação dos seus leitores, o tipo é atribuído para todo manuscrito inspirado pelo culto aos santos e com o intuito de difundir-lo. A hagiografia é um discurso de virtudes – as suas unidades de base –, dentro de uma perspectiva moralizante”. RAFFAELLI, Juliana S. *O eremitismo no Reino Visigodo do Século VII: Um estudo comparado da auto-hagiografia de Valério do Bierzo e do discurso episcopal em Isidoro de Sevilha*. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em História Comparada. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015. 143f. p. 15.

<sup>6</sup> A composição da obra se dá pouco após a morte do bispo (cerca de sete anos), por iniciativa de alguns de seus aliados político-eclesiais. Sobre a composição da *vita*, conferir: KLINGSHIRN, William E. *The Life of Caesarius: Introduction*. In: \_\_\_\_\_. *The Life, Testament and Letters of Caesarius of Arles: Translated Texts for Historians*. Liverpool: Liverpool University, 1994, pp. 1-8.

<sup>7</sup> KLINGSHIRN, William E. *Caesarius of Arles: The Making of a Christian Community in Late Antique Gaul*. Cambridge: Cambridge University, 1994, pp. 19-20, 29-31.

<sup>8</sup> Winrich Löhr apresenta Lérins como “[...] Um laboratório onde os valores do monasticismo oriental foram transformados em carisma ascético que permitiu a alguns tornarem-se eficientes líderes da Igreja”. LÖHR, Winrich. *Western Christianities*. In: CASIDAY, Augustine; NORRIS, Frederick W. (Ed.). *The Cambridge History of Christianity: Constantine to c. 600*. Cambridge: Cambridge University, 2008, pp. 9-51; p. 36. (tradução nossa). A trajetória de Cesário como “monge-bispo” tem como principais precedentes o próprio Honorato e Hilário de Arles, principais lideranças da facção lerinense. SILVA, Paulo D. *Laços Eclesiásticos, Políticos e Familiares na Vita Cesarii*. *Medievalis*, Rio de Janeiro, v.4, p. 1-14, 2016, p. 5.

<sup>9</sup> A *vita* afirma que Cesário não sabia que o bispo de Arles era seu parente, mas Klingshirn aponta que isto é muito provavelmente uma ficção que visa manter a narrativa consistente com o caráter monástico incutido à imagem de

hierarquia eclesial local. Foi nomeado abade de um mosteiro da cidade em 498-9, e sua ascensão ao episcopado se deu pela indicação de seu antecessor, que morreu em 501-2. Presumivelmente enfrentando oposição do clero local, Cesário se tornou bispo em dezembro de 502, e sua atuação viria a ser fortemente influenciada por esse cenário de disputa interna, somado à instabilidade da organização política da Gália, então disputada por burgúndios, francos, ostrogodos e visigodos.<sup>10</sup>

### Homilias enquanto documentação de pesquisa

Primeiramente, convém precisar alguns termos aqui trabalhados, como “homilia”, “pregação”, “sermão”. Consideramos a “homilia” um tipo específico de sermão, em que se apresenta uma exposição sistemática de uma passagem litúrgica explicando-a verso por verso ou frase por frase; tomamos como “pregação” o ato em que o pregador se dirige verbalmente à sua audiência com um discurso catequético e/ou admoestatório, baseado ou não nas escrituras; e, por fim, definimos “sermão” como a materialização textual da pregação, que pode ser composta antes ou depois do ato verbal.<sup>11</sup>

Isto posto, vale também ressaltar que os sermões aqui analisados fazem parte de uma coleção, tendo sido produzidos com o expresso propósito de serem copiados e disseminados. A composição de coleções de sermões pode ser vista como um processo conservador, uma vez que simultaneamente expande o exercício da pregação e controla seu conteúdo.<sup>12</sup> Assim, Cesário compôs conjuntos de sermões-exemplo voltados para pregadores menos experientes, fornecendo-lhes um acervo de mensagens condizentes com a doutrina promovida pela Igreja gálica, e que abarcavam a maioria das celebrações cristãs – além de serem escritos em

---

Cesário, a qual acompanha o *topos* do abandono de seus laços com a família e com o mundo. KLINGSHIRN, William E. *Caesarius of Arles. Op. cit.*, p. 72.

<sup>10</sup> Para mais detalhes do episcopado de Cesário, conferir: KLINGSHIRN, William E. *Op. cit.* Sobre as vicissitudes da organização política na Gália e suas implicações na atuação de Cesário, conferir também: LÖHR, *op. cit.*; para um balanço mais detalhado das relações associativas de Cesário apresentadas em sua *vita*, conferir: SILVA, Paulo D. Laços eclesiásticos, políticos e familiares na *Vita Cesarii. Medievalis*, Rio de Janeiro, v. 4, p. 1-14, 2016.

<sup>11</sup> Apoiamo-nos na definição de Thomas N. Hall, tal como apresentada por Carolyn Muessig. HALL, Thomas N. The Early Medieval Sermon. In: KIENZLE, Beverly (Ed). *The Sermon. (Typologie des Sources du Moyen Age Occidental, 81-83)*. Turnhout: Brepols, 2000. pp. 203-69 apud MUESSIG, Carolyn. MUESSIG, Carolyn. Sermon, Preacher and Society in the Middle Ages. *Journal of Medieval History*, Amsterdã, v. 28, p. 73-91, 2002, p. 77.

<sup>12</sup> No que diz respeito ao caráter de tais coleções de homiliários, conferir: BAILEY, Lisa. *Op. cit.*, pp. 16-28; MCLAUGHLIN, R. Emmet. The Word Eclipsed? Preaching in the Early Middle Ages. *Traditio*, New York, v.46, pp. 77-122, 1991;

linguagem simples, e sem alusões a locais ou pessoas específicas. Esse caráter genérico fazia com que pudessem se adequar a diferentes comunidades.<sup>13</sup>

### Pagão ou mau cristão?

Ao abordar a temática dos chamados “pagãos”, nos deparamos com a necessidade e o desafio de definir essa categoria. Wolfram Drews destaca a ambiguidade do termo *paganus*, que se referia, no latim clássico, aos habitantes do *pagus* – do ambiente rural –, equivalendo assim ao sentido de *extramuranus* ou *rusticus*. A palavra adquire conotação religiosa na medida em que o cristianismo se aproxima dos centros de poder, passando a ser usada para desqualificar os politeístas como elementos atrasados, opostos à *civitas* – algo que Peter Brown remete ao século IV.<sup>14</sup>

Vemos nisso um alargamento da categoria, que conserva sua conexão com o cenário rural, mas passa a abarcar todo elemento que escapa ao enquadramento do cristianismo ou do judaísmo – uma definição negativa que foi central para a afirmação do poder da Igreja.<sup>15</sup> De fato, a alcunha de “paganismo” tendia a homogeneizar um amplo leque de expressões religiosas, tal como sugere Bernadette Filotas: a autora apresenta uma definição pragmática do paganismo como “crenças ou práticas condenadas na literatura pastoral na qual, de forma implícita ou explícita, se inscreve a confiança em poderes não oriundos de Deus e não mediados pela Igreja”.<sup>16</sup>

<sup>13</sup> KLINGSHIRN, William E. *Op. cit.*, p. 9-10; LEYSER, Conrad. The Pure Speech of Caesarius of Arles. In: \_\_\_\_\_. *Authority and Asceticism from Augustine to Gregory the Great*. Oxford: Oxford University, 2000, pp. 81-100, p. 84; BAILEY, Lisa. Monks and Lay Communities in Late Antique Gaul: the evidence of the Eusebius Gallicanus sermons. *Journal of Medieval History*, [S.l.], v.32, p. 315-332, 2006, p. 37-38.; MCLAUGHLIN, R. Emmet. *Op. cit.*, p.100; SILVA, Paulo D. Sermões e pregação no Ocidente Medieval (Séculos IV-VI): Aspectos conceituais e metodológicos. *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, v. 07, n. 1, jan.-jun., p. 202-230, 2014, p. 222-225.

<sup>14</sup> DREWS, Wolfram. Jews as Pagans? Polemical definitions of identity in Visigothic Spain. *Early Medieval Europe*, Oxford, v.3, n.2, pp. 189-207, 2002, p. 195; BROWN, Peter. Tempora Christiana: Tempos cristãos. In: \_\_\_\_\_. *A ascensão do cristianismo no ocidente*. Lisboa: Presença, 1999, pp. 52-71, p. 53;

<sup>15</sup> Vide a afirmação do autor Raymond Van Dam, que diz que “a dominância do cristianismo definiu até mesmo a essência da não-crença, posto que pagãos (ou politeístas) podem ser apropriadamente definidos como, simplesmente, ‘não-cristãos’.” VAN DAM, Raymond. Bishops and Society. In: CASIDAY, Augustine; NORRIS, Frederick W. (Ed.). *The Cambridge History of Christianity: Constantine to c. 600*. Cambridge: Cambridge University, 2008, pp. 343-66, p. 361. (Tradução nossa).

<sup>16</sup> FILOTAS, Bernadette. Concepts, Contexts and Sources. In: \_\_\_\_\_. *Pagan Survivals, Superstitions and Popular Culture in Early Medieval Pastoral Literature*. Toronto: Pontifical Institute of Medieval Studies, 2005. pp. 1-64, p. 13. (Tradução nossa) Cabe ressaltar também a proposta de Robert Markus, que destaca a dificuldade dos cristãos em distinguir quais práticas seriam manifestações de cultos “pagãos”, e quais seriam práticas “secularizadas” – ou, simplesmente, o “modo de fazer as coisas” de uma dada população. MARKUS, Robert. Introdução: Secularidade. In: \_\_\_\_\_. *O fim do Cristianismo Antigo*. São Paulo: Paulus, 1997, pp. 13-28, pp. 14-15.

No que tange ao contexto específico do episcopado de Cesário de Arles, William E. Klingshirn propõe as noções de “religião organizada” e “religião de comunidade”: aponta para a coexistência de dois sistemas religiosos, que chama de “cristão” e “tradicional”. Um não seria necessariamente oposto ao outro, mas funcionariam como sistemas paralelos, voltados para necessidades distintas. Cada comunidade moldaria o cristianismo às suas próprias demandas, constituindo assim formas de religiosidade que se consideravam cristãs, mas podiam escapar ao enquadramento da “religião organizada” proposta pelo bispo. Nessa ótica, o “pagão” condenado na prédica é frequentemente esse cristão que escapa ao modelo imposto pela instituição eclesiástica.<sup>17</sup>

Isto posto, o que chama a atenção em nosso estudo sobre a pregação exegética de Cesário é o fato de haver, dentre as menções ao termo “pagão”, uma única alusão a “observâncias pagãs” (sermão 124.5), que é feita logo antes da afirmação de que estas foram superadas pelo advento de Cristo. O que se vê nesses documentos são caracterizações que podem ser resumidas da seguinte forma: 1) pagão é aquele que questiona o poder de Deus e/ou a veracidade das Escrituras (sermões 83.7; 86.3; 101.4; 114.1); 2) é aquele que pode/deve ser convertido (sermões 104.6; 180.1); 3) é aquele que adora ídolos (sermões 123.1; 124.5; 180.2); 4) é aquele que não tem/recusa a graça de Deus (sermões 175.5; 181.2); 5) é aquele que já está condenado (sermão 157.4); 6) é aquele que persegue o bom cristão, da mesma forma que *o mau cristão* o faz (sermão 159.5). A partir dessas acepções, podemos prosseguir com nossa interpretação, destacando o seguinte trecho:

Et ideo dominus et salvator noster non solum dixit ABNEGAT SE IPSUM SIBI, sed addidit: TOLLAT CRUCEM SUAM, ET SEQUATUR ME. Quid est, TOLLAT CRUCEM SUAM? Ferat quicquid molestum est: sic me sequatur. Cum coeperit moribus et praeceptis meis sequi, multos habebit contradictores, multos habebit prohibitores, multos habebit non solum derisores, sed etiam persecutores. *Et hoc non solum de paganis, qui extra ecclesiam sunt, sed etiam ex illis, qui intus videntur esse corpore, sed foris sunt operum pravitate, et, cum de solo nomine Christiano gloriantur, bonos tamen christianos iugiter persequuntur. Isti tales sic sunt in membris ecclesiae, quomodo mali humores in corpore.* (sermo CLIX.5<sup>18</sup>)

<sup>17</sup> Sobre a religiosidade camponesa, conferir: KLINGSHIRN, William E. *Caesarius of Arles*. op. cit., p. 201-226; Averil Cameron destaca como a dominação do cristianismo é mais presente nas cidades, onde sua estrutura institucional é mais organizada, do que no campo, onde o “paganismo” teria maior presença: CAMERON, Averil. *Church and Society*. In: \_\_\_\_\_. *The Mediterranean World in Late Antiquity*. London: Routledge, 1993. p. 57-80, p. 70.

<sup>18</sup> “Por essa razão nosso Senhor e Salvador não apenas disse: ‘que ele negue a si mesmo’ mas Ele adicionou: ‘tome sua cruz e me siga.’ O que significa isso, ‘tome sua cruz’? Que ele suporte tudo o que for incômodo: Assim, deixe-o me seguir. Quando ele tiver começado a Me seguir, de acordo com a Minha moral e preceitos, ele terá muitos que o contradirão e se colocarão em seu caminho, muitos os quais não apenas o ridicularizarão, mas até o perseguirão. Além disso, isto é verdade não apenas para pagãos, que estão fora da Igreja, mas também para aqueles que aparentam estar dentro dela corporalmente, mas que estão fora dela devido à perversidade de seus

Esta passagem nos remete ao ponto-chave de nossa interpretação: a utilização do “pagão” como artifício para a manutenção de um grupo cristão *estabelecido*. Ao “pagão” é inculcada a condição de *outsider*, situando assim o limite daquilo que está *fora da Igreja*, e vê-se surgir uma categoria intermediária – o “*mau cristão*” –, cujo papel pensamos sob o prisma de nosso aporte teórico: a conservação da dominância cristã depende da manutenção de seu *carisma grupal*, condicionado pela sujeição de seus membros às normas e tabus do grupo.

Desse modo, o “pagão” é o elemento excluído de dito carisma, e os “maus cristãos” são aqueles que, apesar de “aparentarem estar dentro dela [da Igreja] corporalmente”, estão fora dela pela “perversidade de seus atos”. Ou seja: são os membros transgressores que representam uma ameaça à coesão do grupo, como uma “infecção anônima”, ou, nas palavras do bispo, “sangue ruim” que se insere no “corpo” da Igreja. Assim, nestes sermões exegéticos, o bispo efetivamente divide sua comunidade em duas partes<sup>19</sup>, por um lado aumentando o potencial para conflito, e por outro, restringindo o acesso ao *carisma grupal* a um conjunto restrito de membros, o que colabora para reforçá-la tanto em seu *carisma* quanto em sua coesão.

O “bom cristão” é compelido, então, a resistir à influência do “mau cristão” e do “pagão”, reforçar as restrições que impõe a si mesmo de modo a servir de exemplo aos não-cristãos e cristãos desviantes (sermão 104.6), e reproduzir a mensagem das homilias (sermões 86.3; 104.6), o que pode ser visto como um esforço de cristianização indireta.<sup>20</sup>

Consideramos que, por intermédio desta forma de discurso catequético, Cesário almejou reforçar sua autoridade episcopal junto à comunidade arlesiana ao realizar uma manutenção do próprio status de cristão: a necessidade de se articular em meio às contingências político-administrativas da Gália, tal como as pressões internas de sua diocese, poriam sob risco a dominância de seu grupo eclesial estabelecido, o que o levaria a (re)traçar os limites do supracitado “carisma”, restringindo-o aos que, por se submeterem às restrições apregoadas, estariam mais próximos ao círculo sob seu controle. O “bom cristão” é compelido a servir de exemplo para os *outsiders*, pois a demonstração pública da conduta proposta (ou imposta) pelo

---

*atos*. Embora esses homens se vangloriem no mero título de cristão, eles continuamente perseguem bons cristãos. *Tais homens pertencem aos membros da Igreja da mesma forma que sangue ruim dentro do corpo.*” (sermão 159.5, grifo e tradução nossos) CESÁRIO DE ARLES, Sermões. In: MORIN, Germain (Ed.). *Caesarii Arelatensis: Sermones*. Corpus Christianorum, Serie Latina, v. 103-4. Turnhout: Brepols, 1953, p. 653. Consultamos também a tradução inglesa da coleção *Fathers of the Church*: CESÁRIO DE ARLES, Sermões. In: MUELLER, Mary M. (Ed.) *Caesarius of Arles: Sermons: Fathers of the Church*, v. 47 (81-186). Washington: Catholic University of America, 1964, pp. 368-9.

<sup>19</sup> BAILEY, Lisa. *Op. cit.*, p. 57.

<sup>20</sup> KLINGSHIRN, William E. *Op. cit.*, p. 178.

bispo serve como confirmação da propalada superioridade cristã.<sup>21</sup> Esta dinâmica pode ser ilustrada pelo seguinte trecho:

[...] Haec enim si, ut credimus, volueritis memoriter retinere, non solum Iudaeis, sed etiam paganis mysterium christianae religionis, quotienscumque locus vel oportunitas fuerit, evidenter poteritis exponere. Nos tamen pro salute nostra die no ctuque debemus deo gratias agere, qui nullis praecedentibus meritis tantum boni meruimus domino remunerante percipere, ut prius praedicaremur per Spiritum, quam nasceremur in mundo, et ante essemus praedestinati quam nati. Denique sic et apostolus ait: ELEGIT NOS, inquit, ANTE CONSTITUTIONEM MUNDI. Necdum fueramur creati, et iam ante mundi constitutionem eramus electi. Et ideo cum dei adiutorio quantum possumus laboremus, pro istis tantis beneficiis ut magis praemium quam iudicium habere possimus; ne forte si luxuriis et aliis malis operibus dediti esse voluerimus, pro bonis mala reddentes, reos nos ante tribunal aeterni iudicis faciamus. Sed tam iusta sit conversatio nostra, ut Iudaei vel pagani, secundum evangelium, VIDENTES NOSTRA OPERA BONA GLORIFICENT PATREM NOSTRUM QUI EST IN CAELIS, et ad fidem nostram confugere, vel exemplum vitae nostrae desiderent imitari. Sicut enim qui exemplum bonae vitae Iudaeis vel paganis vel malis etiam Christianis praebere voluerint, et pro se et pro illis praemia aeterna percipient [...].” (sermo CIV.6) (sermão 104.6, grifo e tradução nossos).<sup>22</sup>

Neste excerto pode-se observar como a tentativa de reforço das restrições sobre os “bons cristãos” consiste em um artifício de função ao mesmo tempo demonstrativa e justificativa – visa demonstrar a superioridade cristã ante os *outsiders*, pretendendo extrair deles o reconhecimento do carisma dos *estabelecidos*; e justificar essa superioridade relativa com base na afirmação de que ela é fruto da graça divina na medida em que o cristão é posto como escolhido de Deus.

<sup>21</sup> O que nos remete novamente à teoria de Elias, que diz: “Um dos recursos clássicos dos *establishments* sob pressão consiste em reforçar as restrições que seus membros impõem a si mesmos e ao grupo dominado mais amplo, e a observância dessas restrições pode ser usada, por sua vez, como um sinal do carisma próprio do grupo e da desgraça dos *outsiders*.” ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Op. cit.*, p. 48.

<sup>22</sup> “Se lembrarem destas verdades, tal como esperamos, podem explicar claramente o mistério da religião cristã tanto para judeus quanto para pagãos sempre que houver a oportunidade de fazê-lo. De nossa parte devemos dar graças a Deus dia e noite por nossa salvação, já que recebemos tamanhas bênçãos sem qualquer mérito de nossa parte, mas tão somente pela recompensa do Senhor. Mesmo antes de nascermos neste mundo fomos ensinados pelo Espírito e predestinados; assim diz o apóstolo: ‘Ele nos escolheu antes da fundação do mundo.’ Ainda não havíamos sido criados, e já éramos escolhidos antes da fundação do mundo. Por esse motivo, trabalhemos, com a ajuda de Deus, o máximo que pudermos, para que em troca de tão grandes benefícios possamos possuir uma recompensa em vez de julgamento. Se por acaso estivermos dispostos a nos rendermos à sensualidade e outros maus atos, pagando o bem com o mau, fazemo-nos culpados diante do tribunal do Eterno Juiz. Contudo, que nossa vida seja tão justa que judeus e pagãos, de acordo com o evangelho: ‘Vendo nossas boas obras glorifiquem nosso Pai que está no céu.’ Então, que eles desejem recorrer a nossa fé e imitar o exemplo de nossa vida. Aqueles que desejem dar aos judeus, pagãos, ou mesmo maus cristãos o exemplo de uma boa vida, receberão recompensas eternas tanto para si mesmos quanto para outros. [...] CESÁRIO DE ARLES, Sermões. In: MORIN, Germain (Ed.). *Caesarii Arelatensis: Sermones. Op.cit.*, pp. 432-3; CESÁRIO DE ARLES, Sermões. In: MUELLER, Mary M. (Ed.) *Caesarius of Arles: Sermons. Op.cit.*, pp. 117-8.



## Conclusões parciais

Neste artigo, buscou-se analisar como o paganismo é abordado nas homilias do bispo Cesário de Arles. Uma vez que os documentos em questão não se voltam para a condenação de “práticas pagãs”, elaborou-se aqui uma interpretação que se detém sobre a caracterização do “pagão” como *outsider*.

Sob o prisma do aporte teórico utilizado, esta análise buscou apontar a maneira como as homilias trabalhadas compõem um esforço de regulação das condutas da comunidade, efetivamente separando a *ecclesia* entre “bons” e “maus” cristãos, o que possibilita a manutenção da dominância do grupo cristão *estabelecido*: nesta dinâmica, a figura do “pagão” cumpre o papel de delimitar as fronteiras externas do grupo dominante, enquanto a figura intermediária do “mau cristão” permite traçar seus limites internos. Considerou-se assim que, tendo em mente sua conjuntura de atuação, Cesário promoveria essa manutenção do carisma grupal cristão, circunscrevendo-o a uma parcela menor de sua comunidade, impelindo-a a reproduzi-lo.

Por fim, pretendeu-se aqui apresentar uma interpretação mais centrada no trabalho exegético de Cesário de Arles, que, a despeito de seu grande volume, permanece ainda pouco explorado. No decorrer destas linhas, buscamos dialogar com os trabalhos de autores como Lisa Bailey e William Klingshirn, que, embora apresentem obras de grande fôlego, abordam o conjunto dos sermões de maneira ampla, sem se aterem na particularidade das homilias.

## Referências bibliográficas

### Documentação medieval impressa:

CESÁRIO DE ARLES, Sermões. In: MORIN, Germain (Ed.). *Caesarii Arelatensis: Sermones*. Corpus Christianorum, Serie Latina, v.103-4. Turnhout: Brepols, 1953.

CESÁRIO DE ARLES, Sermões. In: MUELLER, Mary M. (Ed.) *Caesarius of Arles: Sermons: Fathers of the Church*, v.47 (81 - 186). Washington: Catholic University of America, 1964.

CIPRIANO DE TOULON, et all. *Vita Cesarii*. KLINGSHIRN, William E.(Ed.) *The Life of Caesarius*. In: \_\_\_\_\_. *The Life, Testament and Letters of Caesarius of Arles: translated texts for historians*. Liverpool: Liverpool University Press, 1994. pp. 9-65.

### Livros:

BAILEY, Lisa. *Christianity's Quiet Success: the Eusebius Gallicanus sermon collection and the power of the Church in Late Antique Gaul*. Notre Dame: University of Notre Dame, 2010.

KLINGSHIRN, William E. *Caesarius of Arles: The making of a Christian community in Late Antique Gaul*. Cambridge: Cambridge University, 1994.

**Capítulos:**

- BROWN, Peter. Tempora Christiana: Tempos Cristãos. In: \_\_\_\_\_. *A ascensão do Cristianismo no Ocidente*. Lisboa: Presença, 1999, pp. 52-71.
- CAMERON, Averil. Church and Society. In: \_\_\_\_\_. *The Mediterranean World in Late Antiquity*. London: Routledge, 1993, pp. 57-80.
- ELIAS, Norbert. Introdução: Ensaio teórico sobre as relações estabelecidos-outsiders. In: ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, pp. 19-50.
- FILOTAS, Bernadette. Concepts, Contexts and Sources. In: \_\_\_\_\_. *Pagan Survivals, Superstitions and Popular Culture in Early Medieval Pastoral Literature*. Pontifical Institute of Medieval Studies. Toronto: Materials Research Society, 2005. p. 12-64.
- HALL, Thomas N. The early medieval sermon. In: KIENZLE, Beverly (Ed). *The Sermon*. (Typologie des Sources du Moyen Age Occidental, 81-83). Turnhout: Brepols, 2000, pp. 203-69 apud MUESSIG, Carolyn. Sermon, Preacher and society in the middle ages. *Journal of Medieval History*, Amsterdã, v. 28, pp. 73-91, 2002.
- KLINGSHIRN, William E. The Life of Caesarius: Introduction. In: \_\_\_\_\_. *The Life, Testament and Letters of Caesarius of Arles: translated texts for historians*. Liverpool: Liverpool University. 1994, pp. 1-8.
- LEYSER, Conrad. The Pure Speech of Caesarius of Arles. In: \_\_\_\_\_. *Authority and Ascetism from Augustine to Gregory the Great*. Oxford: Oxford University, 2000, pp. 81-100, p. 84.
- LÖHR, Winrich. Western Christianities. In: CASIDAY, Augustine; NORRIS, Frederick W. (Ed.). *The Cambridge History of Christianity: Constantine to c. 600*. Cambridge: Cambridge University, 2008, pp. 9-51.
- MARKUS, Robert. Introdução: Secularidade. In: \_\_\_\_\_. *O fim do Cristianismo Antigo*. São Paulo: Paulus, 1997, pp. 13-28.
- VAN DAM, Raymond. Bishops and Society. In: CASIDAY, Augustine; NORRIS, Frederick W. (Ed.). *The Cambridge History of Christianity: Constantine to c. 600*. Cambridge: Cambridge University, 2008. pp. 343-66.

**Teses:**

- RAFFAELI, Juliana S. *O eremitismo no Reino Visigodo do século VII: Um estudo comparado da auto-hagiografia de Valério do Bierzo e do discurso episcopal em Isidoro de Sevilha*. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em História Comparada. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015. 143f.

**Periódicos:**

- BAILEY, Lisa. Monks and lay communities in late antique Gaul: the evidence of the Eusebius Gallicanus sermons. *Journal of Medieval History*, [S.l.], v.32, p. 315-332, 2006.
- DREWS, Wolfram. Jews as pagans? Polemical definitions of identity in Visigothic Spain. *Early Medieval Europe*, Oxford, v.3, n. 2, p. 189-207, 2002
- MCLAUGHLIN, R. Emmet. The Word Eclipsed? Preaching in the Early Middle Ages. *Traditio*, New York, v. 46, p. 77-122, 1991.
- MUESSIG, Carolyn. MUESSIG, Carolyn. Sermon, Preacher and society in the middle ages. *Journal of Medieval History*, Amsterdã, v. 28, p. 73-91, 2002.
- SILVA, Andréia C. L. F. Uma proposta de leitura histórica de fontes textuais em pesquisas qualitativas. *Signum*, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 131-53, 2015.
- SILVA, Paulo D. Laços Eclesiásticos, Políticos e Familiares na Vita Cesarii. *Medievalis*, v. 4, p. 1-14, 2016.

SILVA, Paulo D. Sermões e Pregação no Ocidente Medieval (Séculos IV – VI): Aspectos conceituais e metodológicos. *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, v. 07, n. 1, jan.-jun., p. 202-230, 2014.